

o café em ribeirão preto (1890-1940)

Renato Leite Marcondes*

Professor da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FEA-RP/USP)

RESUMO

Este artigo reúne informações homogêneas que se encontram dispersas em diferentes locais a respeito da produção de café, dos cafeeiros e dos cafeicultores de Ribeirão Preto de 1890 a 1940. Discutimos o porte dos cafeicultores e a distribuição da produção e dos cafeeiros, em especial dimensionamos a participação dos pequenos e médios produtores de café do município. Realizamos também algumas comparações com informações de outros municípios do Estado. As fontes principais para a pesquisa foram os impostos sobre o café e cafeeiros, relatório dos prefeitos de Ribeirão Preto, Boletim do Café da Secretaria da Agricultura e Secretaria da Fazenda e censos agrícolas.

Palavras-chave: café, Ribeirão Preto, distribuição da produção, grande lavoura, cafeicultores.

ABSTRACT

This paper explores homogeneous information on the production of coffee, the coffee trees and the coffee producers of Ribeirão Preto from 1890 to 1940. These information are dispersed in different places. We examine the size of the coffee producers and the distribution of the production and of the coffee trees, and we specially analyze the participation of the small and medium producers of coffee in the municipality. We also carry some comparisons with other cities within the State on. The principal sources for the research were the taxes on coffee and trees, reports of the mayors of Ribeirão Preto, Boletim do Café da Secretaria da Agricultura e Secretaria da Fazenda and agricultural censuses.

Key words: coffee, Ribeirão Preto, distribution of production, plantation, coffee producers.

Com efeito, a lavoura do café está ao alcance do lavrador que trabalha somente com os seus dois braços, e do capitalista que quer empregar muitos contos de réis na sua fazenda: as operações que esta cultura pede são simples, asseadas e sucessivas; a realização em dinheiro quase certa.

(TAUNAY, Carlos Augusto. Manual do agricultor brasileiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.)

* Submetido: março, 2007; aceito: junho, 2007.

O café apresentou uma trajetória indelével em território paulista. Em seu roteiro, o cafeeiro adentrou, no final do século XVIII, a esta área por meio das terras fronteiriças ao Rio de Janeiro, não tão-somente mediante o Vale do Paraíba, mas também pelo litoral norte da capitania de São Paulo. Entretanto, foi na primeira região que a preciosa rubiácea beneficiou-se de melhores condições de cultivo e expansão. As estreitas faixas de terras em condições de cultivo entre a Serra e o Mar limitaram a produção cafeeira no litoral. Como Sérgio Milliet já apontou no seu estudo clássico da expansão cafeeira de 1938, a partir do Vale do Paraíba o café conquistou a província.

No Vale do Paraíba, o cafeeiro obteve nos contrafortes das Serras do Mar e Mantiqueira — nos morros de meia laranja — condições propícias para o seu expressivo desenvolvimento. De início, os não-proprietários de cativos destacaram-se no cultivo da nova cultura (ver, por exemplo, MARCÍLIO, 2000 e MOTTA, 1999). A verificação do café como uma cultura rentável atraiu significativamente os detentores de cativos, até mesmo os grandes proprietários (LUNA & KLEIN, 2005: 103). Na terceira década do século XIX, verificamos uma significativa produção cafeeira no Vale do Paraíba. Já em 1836, o valor da produção de café superou o do açúcar na província de São Paulo (MULLER, 1978). Em meado desta centúria, observamos a consolidação da cultura cafeeira na região. Posteriormente, a redução da produtividade dos cafezais provocou a emigração de pessoas e capitais para outras áreas, diminuindo a participação da região no conjunto da província.

O Oeste paulista beneficiado pelo desenvolvimento prévio da cana-de-açúcar dispunha de condições edafológicas e recursos humanos e materiais para o *rush* cafeeiro¹. Primeiramente na região de Campinas e Limeira, o café encontrou terras abundantes e mão-de-obra disponível. Mais tarde, o desenvolvimento ferroviário e o crescimento da imigração estrangeira possibilitaram o avanço da fronteira do cultivo da preciosa rubiácea mais ao Oeste e Norte. Grandes áreas com condições muito propícias, por exemplo, a afamada terra roxa para esta cultura, foram viabilizadas.

¹ A resolução dos problemas de oferta de mão-de-obra da segunda metade do século XIX foi fundamental para a consolidação do café no Oeste paulista, principalmente com a imigração estrangeira (Ver HOLLOWAY, 1984).

Segundo Thomas H. Holloway, o município de Ribeirão Preto mais ao norte reunia uma série de elementos favoráveis para o desenvolvimento da cafeicultura:

Para a história do café e da imigração, a mais importante parte da zona 5 [Mogiana/RLM] fica em torno de Ribeirão Preto, o centro de uma grande concentração do melhor solo para café em todo o mundo. Os primeiros povoadores vieram de Minas Gerais, penetrando em direção ao oeste na zona da Mogiana em fins do século XVIII. mas o desenvolvimento agrícola da área teve de esperar a solução do problema de transporte. Os quatrocentos quilômetros que separavam Ribeirão Preto de Santos não podiam ser vencidos economicamente por tropas de burros. A estrada de ferro Mogiana, organizada e financiada por fazendeiros da área, começou a ser construída em Campinas, em 1874, e alcançou Ribeirão Preto uma década mais tarde, organizando o palco para a rápida expansão dos cafezais (HOLLOWAY, 1984: 39).

O objetivo do nosso artigo consiste em analisar a expansão cafeeira do município, a partir dos seus cafezais, colheitas e cafeicultores. Como a dinâmica econômica condiciona mutuamente a demográfica (ver Milliet), podemos observar uma primeira aproximação deste fastigioso crescimento por meio dos dados populacionais mais gerais da cidade. Em 1874, Ribeirão Preto detinha pouco mais de cinco mil habitantes, dos quais pouco mais de oitocentos eram cativos. Estes últimos perfizeram 15,4% do conjunto dos moradores. Já em 1886, a população total quase duplicou, chegando a 10.420 pessoas. O crescimento médio anual no período chegou a 4,6% ao ano, enquanto a província aumentou a 2,7% ao ano. A população escrava matriculada até março de 1887 chegou a 1.379 indivíduos, representando 13,2% do total de 1886². Apesar do declínio expressivo do número de cativos da província, houve um aumento significativo no município em comparação a 1872. Deste modo, verificamos a importância da mão-de-obra escrava para Ribeirão Preto e os seus primeiros cultivos de café.

² De acordo com Laerne o número de escravos em Ribeirão Preto era de 1.386 em 1883 (1885: 116). De outro lado, o de estrangeiros em 1886 foi de 761 pessoas, ou seja muito inferior ao de cativos. Deste modo, até o final do período da escravidão a importância desta mão-de-obra mostrou-se numericamente mais relevante do que a estrangeira.

Em 1890, a população da cidade atingiu doze mil habitantes, crescendo a uma taxa geométrica média de 3,7% ao ano desde 1886, superando a taxa de 3,4% da província. A presença de estrangeiros elevou-se, chegando a 1.282 pessoas, porém ainda uma proporção muito menor do que a posterior (10,7%). Ao final da década, dois distritos separaram-se de Ribeirão Preto: Cravinhos (1897) e Sertãozinho (1896). A partir dos desmembramentos, o território do município reduziu-se, influenciando a população. Nos primeiros anos do século XX, o prefeito Manoel Aureliano de Gusmão reafirmou em seu relatório o crescimento demográfico e a influência dos imigrantes estrangeiros na cidade:

População total do município: 52.910 habitantes, dos quais 19.711 nacionais e 33.199 estrangeiros de diversas nacionalidades, figurando em primeiro lugar a Itália com 27.765. População da cidade e seus subúrbios: 13.236 habitantes." (PREFEITURA MUNICIPAL DE RIBEIRÃO PRETO, 1903: 15).

Apesar dos desmembramentos, notamos um vertiginoso crescimento da população nesta última década do século XIX, quando a população do município pelo menos quadruplicou³. Ainda que os dados do prefeito fossem um pouco superestimados para os estrangeiros e principalmente italianos, o município apresentou um expressivo crescimento nesse momento⁴. Os estrangeiros consistiam em mais da metade dos habitantes do município no início do século. Podemos corroborar esta avaliação da população por meio do censo agrícola de 1904-05, no qual se informou a presença de 16.814 trabalhadores estrangeiros e tão-somente 4.736 nacionais, totalizando 21.550 pessoas. Outrossim, de cada quatro trabalhadores no campo três eram estrangeiros em 1904-05.

No recenseamento de 1920, registrou-se a presença de 68.838 habitantes, dos quais pouco mais de vinte mil estrangeiros⁵. Estes últimos

³ Luciana Suarez Lopes informa a população de 59.195 pessoas para o município em 1900, enquanto se incluirmos a de Sertãozinho e Cravinhos chegaria a 100.185 (2005: 51). Se considerarmos este último total, a população multiplicou-se 8,3 vezes entre 1890 e 1900, alcançando um crescimento muito extraordinário.

⁴ Frederick V. Gifun verifica, no jornal *A Cidade*, uma participação inferior dos italianos no total da população em 1913. Nesse ano, eles perfaziam um quarto do total de habitantes da cidade (GIFUN, 1972: 185).

⁵ Se incluirmos Cravinhos e Sertãozinho, a população da antiga comarca de Ribeirão Preto em 1920 chegaria a 125.911 pessoas.

representaram quase um terço dos moradores — 31,6%. O ritmo de crescimento arrefeceu-se nestas duas primeiras décadas do século XX, alcançando uma taxa geométrica média de somente 0,8% ao ano entre 1900 e 1920, salientando uma forte redução da chegada de imigrantes⁶. Vinte anos depois deste último ano, o censo computou em quase oitenta mil pessoas (79.783), comparando com a informação anterior observamos uma taxa de 0,7% ao ano. Desta forma, o crescimento da população de Ribeirão Preto manteve-se num patamar semelhante e próximo ao vegetativo durante as quatro primeiras décadas do século XX.

A partir deste contexto demográfico do município no período, reunimos informações homogêneas que se encontram dispersas em diferentes locais a respeito da produção de café, dos cafeeiros e cafeicultores de Ribeirão Preto. O objetivo da primeira seção consiste em apresentar uma série de informações das safras de 1890 a 1940, compreendendo o volume colhido, número de cafeeiros e produtividade. Num segundo momento, passamos a discutir o porte dos cafeicultores e a distribuição da produção e dos cafeeiros entre eles, em especial mensurar a participação dos pequenos e médios produtores de café do município, segmento pouco estudado pela historiografia sobre Ribeirão Preto e até mesmo a região. Nesta seção, realizaremos algumas comparações com outros municípios no intuito de melhorar o nosso entendimento da realidade do café ribeirão-pretano em relação ao restante do Estado. As fontes principais para a pesquisa foram os impostos sobre o café e cafeeiros, relatório dos prefeitos de Ribeirão Preto, Boletim do Café da Secretaria da Agricultura e Secretaria da Fazenda e censos agrícolas.

Produção de café

O primeiro registro de cafezal na região de Ribeirão Preto foi um inventário de 1868/69 localizado por Luciana Suarez Lopes (2005: 71 e 89), avaliado em pouco mais de um conto de réis. Na década seguinte, a autora verificou a existência de quatro cafezais em sua amostra de

⁶ Se utilizarmos alternativamente a informação da prefeitura de 1901-02, a taxa geométrica anual média atingiria 1,4% entre esse último ano e 1920. Neste caso, também verificamos uma retração significativa do ritmo de crescimento da população do município e do afluxo de imigrantes.

inventários, totalizando pouco menos de cinqüenta mil pés de café, que foram avaliados por quase, catorze contos de réis, cerca de 2% do valor dos imóveis desse momento (2005:100)⁷. Entre estes se destacou os trinta mil pés de café de Gabriel de Souza Diniz Junqueira em 1875. Antes da publicação dos famosos artigos de Luiz Pereira Barreto sobre a terra roxa em 1876, já existia um cultivo comercial na região. De 1880 a 1888, o número de pés de café atingiu cerca de trezentos mil, avaliados por quase cento e cinqüenta contos de réis, o que representou mais de um quinto da riqueza imobiliária inventariada no período (22,4%). No último período em análise de 1889 a 1900, a autora observou a existência de quatro milhões de pés de café em 66 inventários (Lopes, 2005:95). Estes cafezais foram avaliados por quase cinco mil contos, mais de um terço da riqueza inventariada em imóveis (35,0%). Destarte, o avanço cafeeiro mostrou-se intenso neste último quartel do século XIX.

A produção de café alcançou escala comercial no município provavelmente na década de 1870. Os primeiros plantios ainda revelaram-se relativamente pequenos, compreendendo poucos milhares de cafeeiros. Na década seguinte, o cultivo atingiu volumes mais expressivos, favorecidos pela chegada da ferrovia em 1883 e dos imigrantes em larga escala ao final década. Segundo a autora, os plantios mais intensivos ocorreram entre 1890 e 1894 (Lopes, 2005:94). De acordo com este estudo, a grande expansão cafeeira no município iniciou-se ao final da década de 1880 e no início da seguinte.

Como podemos observar no Gráfico 1, a produção cafeeira de Ribeirão Preto cresceu significativamente ao final do século XIX. As primeiras informações mais completas de colheita apontam, para provavelmente 1890, a existência de pouco menos de uma centena de cafeicultores, que pagaram o imposto de 40 réis por 15 quilos de café colhido⁸. A produção somou pouco mais de duzentas mil arrobas, pois a maioria destes cafeeiros

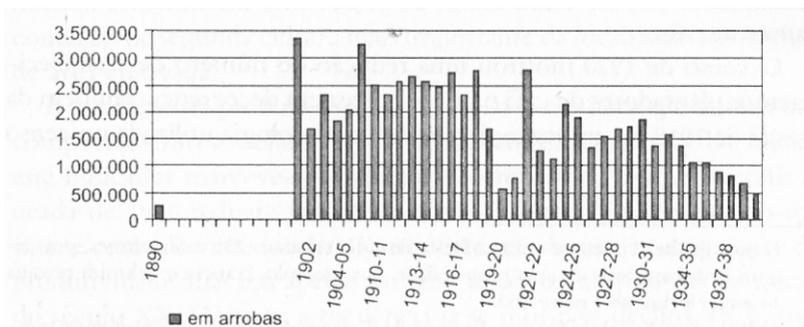
⁷ Havia mais um caso de cafezal sem dimensão na década de 1870 e o cafezal de Gabriel de Souza Diniz Junqueira não foi avaliado separadamente da sua fazenda, não entrando no cálculo do valor acima.

⁸ Neste momento, Ribeirão Preto compreendia Cravinhos e Sertãozinho, porém não incluímos as referências a estas duas cidades em nosso estudo. A primeira já se destacava com uma razoável produção de quase quarenta mil arrobas em onze unidades produtivas e a segunda de pouco menos de cinco mil em dez propriedades.

ainda era nova. Em razão da defasagem de pelo menos quatro anos entre o plantio e a colheita, estes cafezais em produção nesse ano decorreram não tão-somente do trabalho de homens livres nacionais ou estrangeiros, mas também de muitos escravos nos anos anteriores a 1888.

No início do século XX, o número de cafeicultores em 1901-02 chegou, segundo o referido relatório do prefeito, a 256 do total de 265 estabelecimentos agrícolas do município. A produção cresceu expressivamente atingindo três milhões de arrobas (ver Gráfico 1), relacionada ao aumento extraordinário da população e, principalmente, dos imigrantes na última década do século XIX. Neste período, dos quase trinta milhões de pés existentes em Ribeirão mais de quatro quintos tinham seis anos ou mais de idade. Destarte, podemos observar que a grande maioria dos cafezais de Ribeirão Preto em 1901-02 foram plantados entre o segundo lustro da década de 1880 e o primeiro da seguinte. Esse grande plantio beneficiou-se de preços favoráveis daquela época, principalmente ao final da década de 1880. Posteriormente, não ocorreu mais a expansão significativa do número de cafeeiros, tão-somente a renovação dos pés mais velhos, deteriorados ou danificados⁹. Esta estabilidade do patamar da produção mostra-se mutuamente relacionada à redução do crescimento da população nas primeiras décadas do século XX, que passa a crescer num ritmo mais próximo ao vegetativo.

Gráfico 1 - Produção de café de Ribeirão Preto (1890-1940)



Fonte: Ver Tabela 1 do Apêndice

A fonte destas informações é a Ata nº 10, depositada no Arquivo Municipal de Ribeirão Preto. Não há indicação de ano desta fonte, estimamos possivelmente de 1890 em função das pessoas presentes e dos documentos anteriores e posteriores.

⁹ A limitação imposta para novos plantios pelo governo pode ter influenciado este resultado.

Segundo a Estatística Agrícola e Zootechnica de 1904-05, a colheita de café em Ribeirão Preto foi a maior do Estado entre os municípios recenseados, atingindo pouco mais de dois milhões de arrobas. Esta produção superou em larga medida os montantes dos seus principais concorrentes: Campinas com 1.355 mil arrobas e Jaú com 1.468. Nesse momento em Ribeirão Preto, o café suplantava amplamente as demais atividades agrícolas. Em termos de valor, a cafeicultura gerava um valor para a sua colheita superior a oito mil contos de réis. Os demais produtos agrícolas (açúcar, aguardente, milho, feijão e arroz) perfaziam tão-somente 729 contos. De acordo com a de 1904-05, dos 265 estabelecimentos agrícolas 254 produziram café, compreendendo uma área de 15 mil alqueires¹⁰. Por fim, a cana-de-açúcar abarcava tão-somente oito produtores.

A produção continuou numa média superior a dois milhões de arrobas até 1917-18. Nos primeiros lustros do século XX, Ribeirão Preto consistiu no maior produtor de café do Estado de São Paulo (SECRETARIA DA AGRICULTURA, COMÉRCIO E OBRAS PÚBLICAS, 1914: 21-24)¹¹. Além disto, três localidades próximas colheram safras acima de um milhão de arrobas em 1912-13 (Sertãozinho, Cravinhos e São Simão), reforçando a importância da região na cafeicultura paulista. Entretanto, a geada de 1918 reduziu significativamente a produção, a qual atingiu em 1919-20 apenas 560 mil arrobas¹². Após a geada, houve uma recuperação da produção, porém não retomou o patamar anterior.

O censo de 1920 mostrou uma redução do número de estabelecimentos plantadores de café para 141, talvez em decorrência também da geada de 1918 ou em razão da própria metodologia utilizada no censo

¹⁰ Destes estabelecimentos com colheita de café, existiam 231 cafeicultores, pois alguns detinham mais de uma propriedade. Por exemplo, Francisco Schmidt possuía 14 estabelecimentos nesse ano.

¹¹ O Relatório Anual do Serviço Técnico do Café produzido na Sala Ambiente mostrava, em 1935, alguns condicionantes desta liderança: "É devido a esta exuberância da matéria [física do solo/RLM], aliada à topografia e clima que desde 1906 até poucos anos atrás, Ribeirão Preto liderava a produção cafeeira do Estado." (1935: 4).

¹² Segundo o informe da Secretaria da Agricultura, existiam seis milhões de cafeeiros em decadência, provavelmente em decorrência da geada (SECRETARIA DA AGRICULTURA, COMÉRCIO E OBRAS PÚBLICAS, 1918: 133).

ser distinta da do imposto sobre o cafeeiro. O critério utilizado pelo censo para considerar um estabelecimento agrícola não considerava uma grande parcela dos pequenos produtores¹³. Destarte, a produção total alcançou somente 741.080 arrobas, deixando o município na condição de sexto maior produtor do país.

Apesar de duas safras acima de dois milhões de arrobas após a geadas, a produção manteve uma tendência de declínio na década de 1920, que se acentuou na seguinte. Antes da crise de 1929, Ribeirão Preto passou a ter vários concorrentes em termos do volume de produção no Estado, como Jaú e Pirajuí. Houve um melhora da produção de Ribeirão Preto nos dois últimos anos da década, porém inferior a dois milhões de arrobas. No último lustro da década de 1920, de acordo com Jonas Rafael dos Santos, a lavoura cafeeira representou cerca de um terço da riqueza dos inventariados na cidade (2006: 280). Assim, apesar do declínio das safras, o café mantinha-se como atividade econômica mais importante do município.

Na Estatística Agrícola e Zootécnica de 1934-35, ainda observamos a colheita de pouco mais de um milhão de arrobas, já muito menor a de vários outros municípios do Estado. No censo de 1940, registrou-se a presença de 193 estabelecimentos plantadores de café, que produziam 440.267 arrobas do produto. De outro lado, a produção de cana atingiu 120 mil toneladas em 53 propriedades¹⁴. Um significativo crescimento em relação ao início desse século, assumindo a condição de segunda cultura mais importante da localidade em termos de área cultivada.

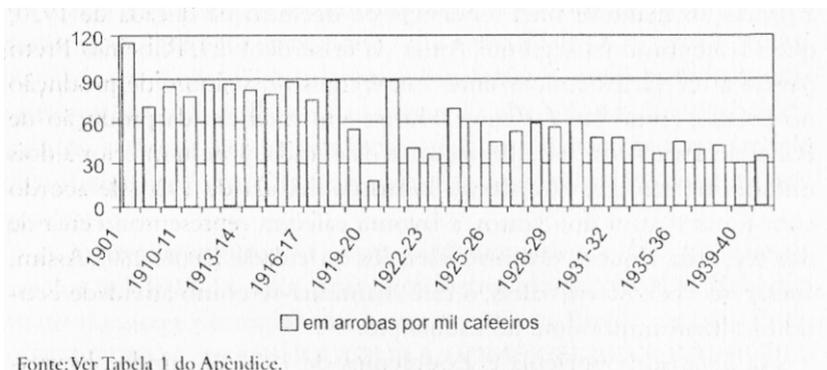
A evolução da produtividade dos cafeeiros também apresentou um comportamento semelhante ao da produção (Cf. Gráfico 2). De início, este indicador manteve-se acima de 90 arrobas por mil pés de café. A geadas de 1918 reduziu drasticamente os valores, que atingiu tão-somente cerca de vinte arrobas. Posteriormente, houve a recuperação da produtividade, mas em apenas um ano retornou ao patamar do início do século XX. Destarte, a tendência já se mostrava declinante. Entre -

¹³ Eugênio Egas afirmou sobre a agricultura do município no início dos anos 20: "Há rio município 273 grandes propriedades agrícolas, além de inúmeros sítios e chácaras disseminados pela área (...)" (EGAS, 1925: 1547). Assim, conforme o critério de escolha poderíamos verificar mais ou menos propriedades e proprietários.

¹⁴ Nesse ano, a produção em Piracicaba chegou a 326 mil toneladas em 239 propriedades.

tanto, a redução da produtividade revelou menor do que a da produção, enquanto as colheitas diminuíram dez vezes entre a primeira e a quinta década do século XX a produtividade retraiu-se em cerca de três vezes, indicando uma redução do número de produtores e cafeeiros.

Gráfico 2 — Produtividade dos cafeeiros de Ribeirão Preto (1901-1940)



Fonte: Ver Tabela 1 do Apêndice.

Estas informações da cafeicultura de Ribeirão Preto permitem uma análise mais apurada da evolução cafeeira no início do século XX. Como afirmou Frederick Gifun para as duas primeiras décadas dessa centúria:

The prime indicator of the health of a coffee region is not trees, of course, but yield, measured in arrobas per mil pés. In Ribeirão Preto, the average from 1900 to 1916 was about 85 arrobas per mil pés. However, the combination of aging trees, tired soil, and the damaging frost of June 25-27, 1918, which affected the whole state, brought a general decline in the productive potential of the município. The most immediate effect was the reduction of Ribeirão Preto's production for the 1919-20 harvest to 560.000 arrobas, with a yield of 17 arrobas per mil pés. In the next year production rose to 1,8 million arrobas (with a yield of 56), and the 2 million level was reached one more time in 1923-24, but the average yield for the 1920's was only a mediocre 55 arrobas per mil pés. Also, the center of production in the state was moving westward again as it had in the 1880's when Ribeirão Preto was just beginning its transformation into São Paulo's leading coffee county. Now, in the last decade of the Old Republic, Ribeirão Preto was entering its period of gradual decline following a brilliant productive phase which laid the groundwork for later development on different bases. (GIFUN, 1972: 161-162).

Além da diminuição das safras do Ribeirão Preto, a expansão cafeeira mais para o Oeste e Sul provocou uma redução da participação do município no total colhido no Estado. Esta parcela chegou a 6,0% em 1911/12, mas em 1925/26 já foi de 3,3%. No final da década seguinte (safra de 1937-38), a produção de café de Ribeirão representou tão-somente 1,4% do total do Estado de São Paulo. Assim, consolidou-se a retração da importância da cidade na cafeicultura paulista. No município, cresceram as colheitas de outras culturas, como, principalmente, o algodão e a cana-de-açúcar, e as atividades urbanas, em especial as vinculadas à indústria, aos serviços e ao comércio.

Cafeicultores

No primeiro registro de impostos sobre o café referente provavelmente a 1890 verificamos a existência de 91 cafeicultores. Quando observamos a distribuição da produção entre eles na Tabela 1, notamos um grande número e proporção dos cafeicultores com colheitas de até mil arrobas — 60,9% do total. A concentração mostrou-se notória, pois esta faixa de produtores representou somente um décimo da safra. Um indicador desta desigualdade pode ser obtido por meio do índice de Gini, que atingiu 0,720. Deste modo, o volume médio produzido chegou a 2,3 mil arrobas.

Tabela 1 — Distribuição da produção pelos cafeicultores (1890)

FAIXAS	CAFEICULTORES	% PRODUTORES	PRODUÇÃO	% PRODUÇÃO
Até mil arrobas	56	61,5	22.830	10,5
1.001 a 20 mil arrobas	34	37,4	144.700	66,5
20.001 ou mais	1	1,1	50.000	23,0
Total	91	100,0	217.530	100,0

Fonte: Ata n° 10, depositada no Arquivo Municipal de Ribeirão Preto

Neste documento, verificamos a presença de vários cafeicultores de destaque na cidade. Em primeiro lugar, salientamos a presença de Henrique Dumont, o qual também detinha loja de secos e molhados e produzia 50 mil arrobas da preciosa rubiácea na fazenda Arindúva¹³

¹³ Henrique Dumont realizou dez compras de terras no município de Ribeirão Preto entre 1880 e 1887. A primeira aquisição já demonstra o montante dos investimentos, totalizando 200 alqueires por 120 contos de réis (ver OLIVEIRA, 2003, capítulo 3).

Ele foi o maior produtor nesse ano. Manoel de Souza Menezes foi o segundo maior produtor com 20 mil arrobas na fazenda Tamanduá. Em terceiro, Martinho Prado Júnior obteve pouco mais 17 mil arrobas, em duas fazendas Albertina e Guatapará. Por fim, João Franco de Moraes Octávio colheu, na fazenda Laureano, tão-somente pouco mais de duas mil arrobas.

Apresentamos a distribuição da produção pelos cafeicultores em 1904-05 na Tabela 2. Observamos novamente uma elevada concentração da produção nas mãos de poucos produtores, atingindo o índice de Gini 0,794 nesse ano, bastante superior ao resultado de 1890¹⁴. De um lado, verificamos a presença de produtores de poucas dezenas de arrobas de café, alcançando os com até mil mais da metade do total. Por outro, os cafeicultores que colheram mais de vinte mil arrobas representavam tão-somente um décimo do total de cultivadores de café, mas detinham quase dois terços da produção (65,7%). Deste modo, notamos uma desigualdade elevada das colheitas realizadas no município.

Tabela 2 - Distribuição da produção pelos cafeicultores (1904-05)

FAIXAS	CAFEICULTORES	% PRODUTORES	PRODUÇÃO	% PRODUÇÃO
Até mil arrobas	120	51,9	45.416	2,2
1.001 a 20 mil arrobas	88	38,1	661.420	32,1
20.001 ou mais	23	10,0	1.353.100	65,7
Total	231	100,0	2.059.936	100,0

Fonte: SECRETARIA DA AGRICULTURA, COMÉRCIO E OBRAS PÚBLICAS. Estatística agrícola e zootécnica de Ribeirão Preto no ano agrícola de 1904-1905. São Paulo: Typ. Brazil/Rothschild & Co., 1907.

Os principais cafeicultores em 1904-05 foram os seguintes: Francisco Schmidt, Martinho da Silva Prado Junior, Companhia Agrícola Fazenda Dumont e Francisca Silveira do Val. O primeiro produziu 324

¹⁴ Se compararmos este resultado com a desigualdade dos dois principais fatores de produção (terra e trabalho), verificamos disparidades também elevadas. Obtivemos para a estrutura fundiária nesse ano (0,851) e para o número de trabalhadores (0,781). Como esperado, a distribuição de terras mostra-se mais concentrada do que da produção e da utilização da mão-de-obra. A desigualdade da produção também se revelou ligeiramente superior a dos cafeeiros nesse ano de 1904-05 (0,759).

mil arrobas nesse ano, superando toda a produção do município em 1890. Nos seus pouco mais de quatro milhões de pés de café, a produtividade foi de 80 arrobas por mil pés, bastante superior a do município (70). O segundo e terceiro cafeicultores colheram 160 mil arrobas cada, possuindo pouco mais de dois milhões de pés cada¹⁷. Por fim, a cafeicultora Francisca Silveira do Val cultivou quase um milhão de pés de café, colhendo 60 mil arrobas nesse ano.

Uma análise interessante pode ser realizada mediante o cruzamento das informações dessa época com as disponíveis para outras. No vale do Paraíba, a colheita média chegava a 3.496 arrobas em 1868, quando a cafeicultura também se encontrava em seu apogeu (Cf. Marcondes, 1998). Deste modo, afirma-se a situação intermediária da cafeicultura escravista do vale em relação às localidades do Oeste paulista. Apesar das poucas informações, não nos foi possível distinguir a cafeicultura das duas regiões em termos de porte do produtor.

Ao compararmos a distribuição da produção do nosso município com as realizadas em Campinas, Jaú e Vale do Paraíba, notamos semelhanças e distinções interessantes. De um lado, percebemos a grande participação de pequenos produtores em Ribeirão Preto (51,9% do total) e, principalmente, em Jaú (54,1%) em relação às demais (45,6% em Campinas e 38,0% no Vale do Paraíba). A desigualdade mostrou-se maior em Ribeirão Preto do que nas demais cidades, conforme a Tabela 3. Por outro lado, por meio de um teste de *rank* não paramétrico (Kruskal-Wallis), rejeitamos a igualdade das médias para as quatro áreas, mas aceitamos a semelhança para Ribeirão Preto, Vale do Paraíba e Campinas. Destarte, apesar de não possuir o menor Gini, a distribuição de Jaú revelou-se bastante distinta das demais, em função da grande parcela da produção realizada por pequenos cafeicultores.

¹⁷ Martinho da Silva Prado Júnior e Companhia Dumont detinham, respectivamente, pouco mais de 6 mil alqueires de terras e oito mil, das quais cerca de um sexto eram ocupadas com cafeeiros. Francisco Schtmtdt possuía 3.648 alqueires, dos quais mais da metade cultivados com café. Quando consideramos a produção de outros bens nas propriedades, verificamos colheitas de milho e feijão nos dois primeiros casos de pelos menos o dobro de Francisco Schmidt. Assim, a especialização produtiva em café ocorreu com muito maior intensidade neste último caso. No conjunto do município, o cafeeiro ocupou 15 mil alqueires dos 50 mil disponíveis, compreendendo 30,2% do total.

Tabela 3 — Indicadores estatísticos da distribuição da produção

MUNICÍPIO/REGIÃO (ANO)	NÚMERO	MÉDIA	GINI	RANK MÉDIO
Campinas (1904-05)	298	4.548	0,646	760,28
Jaú (1904-05)	464	3.164	0,699	655,19
Ribeirão Preto (1904-05)	231	8.918	0,794	754,63
Vale do Paraíba (1868) [*]	490	3.496	0,611	807,13

Fonte: SECRETARIA DA AGRICULTURA, COMÉRCIO E OBRAS PÚBLICAS. Estatística agrícola e zootécnica de Ribeirão Preto, Jaú e Campinas no ano agrícola de 1904-1905. São Paulo: Typ. Brazil/Rothschild & Co., 1907. PEREIRA, Waldick. Cana, café & laranja: história econômica de Nova Iguaçu. Rio de Janeiro: FGV, 1977,56-70.

^{*} Devemos salientar o caráter distinto do levantamento para o Vale do Paraíba, o qual se destinava a analisar a viabilidade da construção de uma ferrovia para escoamento da produção de café da região.

Na passagem do século XIX para o XX, as colheitas cresceram significativamente, sendo em média de quase nove mil arrobas em 1904-05. Se compararmos com a informação anterior ou de outras localidades percebemos um valor muito superior ao observado tanto antes como em outras cidades naquele momento¹⁸. Este patamar manteve-se até a geadada de 1918. Ilustrativamente, a produção média em Ribeirão Preto foi de 8.358 arrobas em 1916/17, enquanto em Jaú foi de 2.633 e em Campinas de 2.851. Assim, a colheita total mostrava relativamente próxima, porém o cafeicultor do primeiro município detinha um porte mais de três vezes maior do que o da segunda localidade.

Uma outra forma de acompanhar a desigualdade na economia cafeeira pode ser efetuada por meio dos impostos sobre cafeeiros¹⁹. A distribuição dos pés da preciosa rubiácea entre os cafeicultores também se mostrou expressivamente desigual em Ribeirão Preto e relativamente próxima à da produção. Na Tabela 4, fornecemos a distribuição de quase trinta milhões de pés por faixas de tamanho dos cafezais

¹⁸ Em 1904-05, a produção média de Campinas e Jaú foram de quatro mil e quinhentas arrobas para o primeiro município e de pouco mais de três mil para o segundo.

¹⁹ A mudança de natureza da fonte de censitária para fiscal também poderia resultar em diminuição da qualidade da informação, decorrente da tentativa de redução da tributação por parte dos cafeicultores. Segundo José Geraldo Evangelista que estudou Ituverava no período "A diferença andaria por volta de 50%." (1999: 243). Contudo, a série construída neste estudo não mostra diferença tão significativa entre as fontes censitárias e fiscais (ver Apêndice).

em 1916²⁰. Mais de três quartos do total de cafeicultores detinham até 100 mil cafeeiros, o que consideramos para Ribeirão Preto pequenos cafezais²¹. Entretanto, os detentores de 501 ou mais pés que constituíam tão-somente dez pessoas possuíam quase a metade do total. Destes últimos quatro detinham mais de um milhão e já eram os maiores produtores no início do século: Coronel Francisco Schmidt, Companhia Agrícola Fazenda Dumont, Companhia Guataparã e Dona Francisca Silveira do Val.

Tabela 4 — Distribuição dos cafeeiros (1916)

FAIXAS	CAFEICULTORES	% PRODUTORES	CAFEIROS	% CAFEIROS
Até 100 mil pés	216	78,3	3.367.500	11,6
101 a 500 mil pés	50	18,1	11.934.000	41,1
501 mil ou mais pés	10	3,6	13.721.000	47,3
Total	276	100,0	29.022.500	100,0

Fonte: Livro de Imposto de cafeeiros de 1916, depositado no Arquivo Municipal de Ribeirão Preto.

Houve, deste modo, uma concentração muito significativa da produção nas mãos de poucos e grandes cafeicultores. O índice de Gini foi muito elevado, chegando a 0,812 nesse momento, bastante superior ao do censo agrícola do início do século. No início da década de 1920, os cafeicultores com 40 mil ou mais pés de café somavam 75 pessoas ou companhias de acordo com a publicação Ribeirão Preto no Primeiro Centenário da Independência da Câmara Municipal (1923: 46-47), totalizando 27.643.000 cafeeiros (88,0% do total)²². Ainda antes

²⁰ Entendemos, neste texto, cafezais como a soma de todos os cafeeiros de cada cafeicultor. Nesse livro municipal de impostos sobre cafeeiros, verificamos o registro de dois milhões de pés a menos do que informado na estatística do governo do Estado.

²¹ Existia uma presença elevada de pequeninos cafeicultores com poucos milhares de pés, pois quase a metade detinha até dez mil cafeeiros em 1916. Tal resultado foi observado para outras cidades da região. Ilustrativamente, mencionamos o caso de Ituverava estudado por José Geraldo Evangelista em 1918 mediante a relação dos tributados para a instrução pública. O autor afirmou: "1.150.500 pés de café (40,6% [do total/RLM]) estavam em mãos dos 18 fazendeiros que tinham mais de 50 alqueires e plantavam café. Em conclusão: o município todo cultivava a rubiácea e grandes e pequenos proprietários participavam dos seus lucros." (EVANGELISTA, 1999: 244).

²² Após a geada de 1918, a colheita média em Ribeirão Preto reduziu-se a 5.253 arrobas em 1920. Tal tendência de redução da produção média manteve-se nos anos seguintes, atingindo 2.280 arrobas em 1940.

da crise de 1929 e depois da geada, a distribuição apresentou uma significativa alteração. Em 1928, ocorreu uma diminuição da presença de cafeicultores menores e um crescimento do número de médios e grandes, conforme Tabela 5. O porte médio dos cafeicultores cresceu de pouco mais de cem mil pés em 1916 para quase 132 mil em 1928. De outro lado, cresceu a importância relativa dos produtores intermediários (de 101 mil a 500 mil cafeeiros). Destarte, o índice de Gini reduziu-se para 0,747, mostrando uma diminuição da desigualdade entre os cafeicultores.

Tabela 5 — Distribuição dos cafeeiros (1928)

FAIXAS	CAFEICULTORES	% PRODUTORES	Cafeeiros	% CAFEEIROS
Até 100 mil pés	150	69,1	2.703.300	9,4
101 a 500 mil pés	54	24,9	13.733.000	47,9
501 mil ou mais pés	13	6,0	12.248.000	42,7
Total	217	100,0	28.684.300	100,0

Fonte: Livro de Imposto de cafeeiros de 1928, depositado no Arquivo Municipal de Ri beirão Preto.

O número de cafeicultores pagantes do imposto diminuiu entre esses anos de 276 para 217. Como esperado a redução foi maior entre os pequenos cafeicultores, os produtores com até 10 mil pés representavam 48,6% do total em 1916, mas tão-somente 41,0% em 1928. Os poucos recursos deles dificultavam a manutenção do cultivo em condições mais adversas. A redução da desigualdade da propriedade dos cafeeiros não refletiu uma melhora das condições para a sociedade ribeirão-pretana, pois vários pequenos produtores abandonavam a cafeicultura.

Após 1929, a situação não se alterou de forma mais significativa, mas em sentido oposto a anterior, conforme Tabela 6. No ano de 1934, observamos um aumento do número de pequenos cafeicultores e da sua participação. As mudanças refletem a consolidação da redução da concentração da distribuição dos cafeeiros entre os produtores, mantendo o patamar do índice de Gini (0,750). Por fim, houve uma pequena redução dos cafeeiros tributados, em pouco mais de um milhão e meio de pés.

Tabela 6 — Distribuição dos cafeeiros (1934)

FAIXAS	CAFEICULTORES	% PRODUTORES	CAFEIROS	% CAFEIROS
Até 100 mil pés	164	70,7	2.829.400	10,5
101 a 500 mil pés	54	23,3	12.432.400	46,0
501 mil ou mais pés	14	6,0	11.756.000	43,5
Total	232	100,0	27.017.800	100,0

Fonte: Livro de Imposto de cafeeiros de 1934, depositado no Arquivo Municipal de Ribeirão Preto.

Até 1934, o efeito imediato da crise de 1929 pareceu-nos muito reduzido na estrutura da distribuição dos cafeeiros, em razão das pequenas alterações nas participações das faixas de tamanho de cafezais no total. De acordo com este resultado, os testes de *rank* e o índice de Gini apresentaram modificações significativas tão-somente entre 1916 e 1928, mas não entre esse último ano e 1934²³

Ao final do período em estudo, o café de Ribeirão Preto evidenciou sinais claros de decadência, como ocorreu também em todo território paulista. Como apresentado antes, tal retração cafeeira não foi acompanhada pela demográfica. Neste município, a produção cafeeira passou representar tão-somente 1,1% do total do Estado. Além disto, a produtividade dos cafezais reduziu-se a trinta arrobas por mil cafeeiros. Por outro lado, as atividades urbanas e industriais ganharam importância crescente e novas culturas empolgaram os agricultores do município, principalmente o algodão e cana-de-açúcar²⁴. Em tal quadro, afir-

²³ O teste Kruskal-Wallis mostrou a aceitação da hipótese de igualdade das médias de cafeeiros ao considerarmos os três anos em estudo (com nível de significância de 5%). Todavia, quando analisamos os anos dois a dois (teste Mann-Whitney), verificamos a aceitação da igualdade das distribuições entre 1928 e 1934 e a distinção de 1916/17 em relação aos demais.

²⁴ O Relatório Anual do Serviço Técnico do Café de 1935 apontou para o crescimento de outras culturas no município naquela época e criticou tal escolha dos agricultores: "A orientação errônea a que nos referimos é a que se está delineando em grande número de fazendas onde os proprietários vem abandonando o trato que dispensavam ao cafeeira, para substituí-lo no algodão, que hoje apresenta-se com lucros formidáveis sob o pomposo título de 'Ouro-branco'. Há mesmo fazendeiros que não se contentaram apenas a diminuir o trato ao cafeeira, plantando o algodão como cultura intercalada, chegaram até a arrancar os cafeeiros e substituí-los integralmente pelo algodão." (1935, p. 5)

mou-se a importância dos imigrantes estrangeiros e seus descendentes entre os proprietários de terras, principalmente de áreas de até 50 alqueires²⁵.

Considerações finais

O café e a população expandiram-se extraordinariamente em Ribeirão Preto durante o último quarto do século XIX. Na passagem desse século para o seguinte, a produção do município alcançou volumes dos mais expressivos de São Paulo, atingindo safras superiores a dois milhões de arrobas. Tal patamar de produção foi mantido nos primeiros lustros do século XX, acompanhado pela redução do crescimento demográfico da população do município. Após a geada de 1918 apresentou-se uma tendência de retração da produção, porém se mantiveram colheitas elevadas até o final da década de 1920. Por fim, o declínio acentuou-se durante a década de 1930, separando a dinâmica demográfica da cafeeira.

Notamos em Ribeirão Preto uma desigualdade muito elevada entre os cafeicultores tanto em termos da produção como em relação aos cafezais. A produção mostrou-se mais concentrada do que em outros municípios do Oeste e até mesmo concernente ao Vale do Paraíba paulista em sua época áurea. Contudo, o porte médio não se revelou distinto em relação ao de Campinas ou ao do vale. Em termos estatísticos, a diferença foi aceita tão-somente em comparação a Jaú.

Apesar da presença dos afamados "reis do café" em Ribeirão Preto com mais de quinhentos mil pés ou mesmo um milhão, a pequena

²⁵ Em 1904-05, também existiu um grande número de estabelecimentos nas mãos de pessoas nascidas no estrangeiro, os quais perfaziam 40,2% do número total, mas que detinham tão-somente 26,0% das terras. Devemos salientar a presença de duas grandes áreas entre estes últimos nesse momento: a Companhia Dumont dos ingleses e de Francisco Schmidt (alemão). Em 1939-40, verificamos entre os 388 proprietários com até 50 alqueires a existência de 107 italianos, 57 portugueses, 28 espanhóis e 5 japoneses. No conjunto, estes imigrantes representaram mais da metade dos proprietários deste segmento (50,8%). Por fim, o crescimento dos pequenos proprietários elevou a concentração da estrutura fundiária (0,871). O crescimento da presença de proprietários de reduzidas extensões de terras pode ajudar a explicar este movimento oposto com relação ao dos cafeeiros.

cafeicultura também coexistiu neste município, mas não de forma tão expressiva quanto em Jaú e com uma participação variável da produção. Sem dúvida, houve abertura para a participação na faina cafeeira de um elevado número de pequenos cafeicultores, muitos possuindo mil ou até dez mil cafeeiros. Ainda verificamos um processo de desconcentração da distribuição dos cafeeiros ao longo do tempo. Isto se deveu às dificuldades vivenciadas pela cafeicultura, especialmente após a geada de 1918. Por fim, observamos um movimento de abandono da faina cafeeira — principalmente por parte dos pequenos agricultores — e fragmentação de algumas grandes propriedades.

Referências Bibliográficas

- CÂMARA MUNICIPAL DE RIBEIRÃO PRETO. **Ribeirão Preto no primeiro centenário da independência nacional: a cidade e o município**. Ribeirão Preto: Câmara Municipal, 1923.
- DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ESTATÍSTICA. **Estatística agrícola e zootécnica, 1939-40**.
- ESTADO DE SÃO PAULO. **Anuário Estatístico de São Paulo**. 1906.
- EGAS, Eugenio. **Os municípios paulistas**. São Paulo: O Estado de São Paulo, 1925.II vol.
- EVANGELISTA, José Geraldo. **Crônicas de Ituverava: espaço e tempo, 1750-1950**. Lorena: Stiliano, 1999.
- GIFUN, Frederick Vicent. Ribeirão Preto, 1880-1914: the rise of a coffee county, or the transition to coffee in São Paulo as seen through the development of its leading producer. Phd - Department of History/University of Florida, 1972.
- HOLLOWAY, Thomas H. **Imigrantes para o café: café e sociedade em São Paulo, 1886-1934**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1984.
- LAERNE, C. F. Van Delden. **Brazil and Java: report on coffee-culture in America, Asia and Africa**. London: W.H.Allen, 1885.
- LOPES, Luciana Suarez. **Sob os olhos de São Sebastião: a cafeicultura e as mutações da riqueza em Ribeirão Preto, 1849-1900**. Tese (Doutorado em História) - FFLCH/USP, 2005.
- LUNA, Francisco Vidal & KLEIN, Herbert S. **Evolução da sociedade e economia escravista de São Paulo, de 1750 a 1850**. São Paulo:Edusp, 2005.
- MARCÍLIO, Maria Luiza. **Crescimento demográfico e evolução agrária paulista: 1700-1836**. São Paulo: Hucitec/Edusp, 2000.
- MARCONDES, Renato Leite. A pequena e média propriedade na grande lavoura cafeeira do vale do Paraíba paulista. **LOCUS: revista de história**. Juiz de Fora: Núcleo de História Regional/Editora UFJF, 4 (2): 35-54, 1998.

- MILLIET, Sérgio. **Roteiro do Café e outros ensaios**. São Paulo: 1938.
- MOTTA, José Flávio. **Corpos escravos, vontades livres: posse de escravos e família escrava em Bananal (1801-1829)**. São Paulo: Anablume/Fapesp, 1999.
- MÜLLER, Daniel Pedro. **Ensaio d'um quadro estatístico da província de São Paulo**. São Paulo: Governo do Estado, 1978.
- OLIVEIRA, Jorge Henrique Caldeira de. **As transações imobiliárias em Ribeirão Preto de 1874 a 1899**. Dissertação (Mestrado em Economia) - FCL/UNESP, 2003.
- PEREIRA, Waldick. **Cana, café & laranja: história econômica de Nova Iguaçu**. Rio de Janeiro: FGV, 1977
- PREFEITURA MUNICIPAL DE RIBEIRÃO PRETO. **Relatório de 1902 apresentado a Câmara Municipal de Ribeirão Preto pelo prefeito Dr. Manoel Aureliano de Gusmão**. São Paulo: Duprat, 1003.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE RIBEIRÃO PRETO. **Relatório de 1904 apresentado a Câmara Municipal de Ribeirão Preto pelo prefeito Dr. Floriano Leite Ribeiro**. São Paulo: Vieira de Souza, 1905.
- SÁ, MANAIA & CIA. **Almanaque Ilustrado de Ribeirão Preto**. Ribeirão Preto: Tipografia do Almanaque, 1913.
- SANTOS, Jonas Rafael dos. As transformações da riqueza em Ribeirão Preto entre 1920 e 1951. **Estudos de História**, Franca, v. 13, n. 2, p. 267-295, 2006.
- SECRETARIA DA AGRICULTURA, COMÉRCIO E OBRAS PÚBLICAS. **Estatística agrícola e zootécnica de Ribeirão Preto no ano agrícola de 1904-05**.
- SECRETARIA DA AGRICULTURA, COMÉRCIO E OBRAS PÚBLICAS. **O café: estatística de produção e comércio**. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo, vários anos.
- SERVIÇO TÉCNICO DO CAFÉ. **Relatório anual**. Ribeirão Preto: Sala Ambiente, 1935 (mimeo).

APÊNDICE

Tabela 1 -Cafeeiros e Produção de café em Ribeirão Preto

ANO	NÚMERO	NÚMERO DE CAFEEIROS	PRODUÇÃO EM ARROBAS
1890	92		217.530
1901	256	29.384.996	3.370.443
1902	-		1.685.350
1903	-		2.312.024
1904	-		1.833.732
1904-	231	29.094.374	2.059.936
1906-07		-	3.261.500
1909-10		30.000.000	2.497.742
1910-11		30.000.000	2.316.150
1911-12		30.000.000	2.540.220
1912-13		31.394.365	2.657.850
1913-14		31.394.365	2.542.950
1914-15		31.394.365	2.467.400
1915-16		31.394.365	2.717.970
1916-17		31.394.365	2.309.890
1917-18		31.394.365	2.760.000
1918-19		31.394.365	1.688.000
1919-20	247	31.394.365	560.000
1920	141		741.080
1920-21		31.394.365	2.780.000
1921-22	108	31.395.000	1.270.000
1922-23	108	31.395.000	1.125.000
1923-24	202	31.395.000	2.147.000
1924-25	212	31.395.000	1.880.000

ANO	NÚMERO	NÚMERO DE CAFEEIROS	PRODUÇÃO EM ARROBAS
1925-26	212	29.427.000	1.320.000
1926-27	218	29.427.000	1.525.000
1927-28	218	29.427.000	1.685.000
1928-29	218	31.202.345	1.702.790
1929-30	218	31.202.345	1.870.000
1930-31	217	28.854.716	1.350.406
1931-32		32.614.205	1.558.176
1932-33	217	32.630.787	1.351.605
1934-35	-	28.685.817	1.052.419
1935-36	240	23.539.500	1.045.410
1936-37		22.863.658	891.657
1937-38	263	19.218.655	818.045
1939-40	230	22.368.567	671.057
1940	193	12.795.832	440.267

Fonte: 1890: Ata número 10; 1901-04: Relatórios do Prefeito de Ribeirão Preto (anexos); 1904-05: Estatística Agrícola e Zootécnica de Ribeirão Preto, p. 6-7; 1906-38: Secretaria da Agricultura, Comércio e Obras Públicas O café: estatística de produção e comércio. (1914, 1916, 1917, 1920, 1922, 1923, 1924, 1925, 1926, 1927, 1928, 1929, 1930-31, 1932-33, 1935-36, 1937-38). 1920 e 1940: Recenseamento do Brasil. 1939-40: Estatística agrícola e zootécnica.